

# Homenagem póstuma a Antônio Geraldo da Cunha, em 21.8.1999.

**Antônio Martins de Araújo, da ABF e UFRJ**

Vou falar-vos de alguém que desafiou o tempo e derrotará o olvido. Antônio Geraldo da Cunha era daquela estirpe de pessoas que, sem descuidar das obrigações profissionais, punha a família acima de tudo na vida. Sem violentar sua individualidade, ele era, perfeita e plenamente, pessoa, no sentido extensivo etimológico do termo. Do latim *per*, que quer dizer *através, por meio de*, e *sona*, de sonare, *soar, falar, comunicar-se*. Não no sentido estrito de *máscara de ator*, ou *personagem do drama*, mas no de *personalidade que se abre para o outro*. Escudado na amizade que eu lhe tinha e dando larga a meu gênio desabusado e extrovertido, quantas vezes lhe perguntei pela valiosa presença a nossas reuniões acadêmicas, e ele, sério e compenetrado, me respondia: - *Não posso, Martins. Amanhã vou para casa de meu filho em Volta Redonda*. O filho era o doutor Nelson Geraldo, que, além da introspecção, lhe herdou o nome; a razão escondida era a alegria sem preço de rever, além do filho e da nora Eliane, as três netinhas, que, em sendo netas, são duas vezes filhas: Maria Fernanda, Luciana e Mariana – todas, de sobrenome – Costa da Cunha. Ano passado, num dos auditórios desta mesma casa, em um Congresso de Filologia dos que anualmente aqui se realizam, tivemos o prazer de escutá-lo falar do projeto de um de seus dicionários em andamento. Na oportunidade, abriu um parêntese para confiarnos um episódio que lhes dirá muito bem da personalidade de que vos falo. Perguntou-lhe certa vez uma de suas cinco netas o que queria dizer determinado palavrão que escutara no colégio ou pela rua. Dividido pelo dilema entre dizer a verdade do dicionarista respeitado e pelo amor de carinhoso avô, respondeu-lhe conciliando o dilema. Disse-lhe o que pôde do significado pedido, mas recomendou-lhe que, sendo menina bem educada, não o pronunciasse nunca na presença de ninguém. Assim, ninguém precisava abrir dicionário em sua residência. Era só perguntar-lhe, e lá vinham, inteirinhos, os vários sentidos dos termos perguntados. Já nestes últimos dias, embaraçada com um esquisito termo científico escutado do professor no colégio, lamentava Priscila não ter mais disponível a seu alcance seu dicionário preferido e vivo, para lhe esclarecer o sentido do termo. Seu dicionário vivo e preferido se fora para sempre na noite daquela terrível quinta-feira, dia 8 de julho passado. Como sempre fazia, Cunha chegava a casa de noitinha, tomava seu banho, jantava, e, imediatamente, ia para o escritório cumprir a terceira etapa de seu prolífico dia de trabalho. Isso,

sem um *cooper*, por mais curto que fosse; e sem um jornal nacional, para se acercar das notícias do dia, como fazem os mais desobrigados. Tinha sempre muito que fazer no princípio de suas noites. Talvez porque tivesse sede, talvez por que precisasse de uma pausa na ingente tarefa, pretextou ir até à cozinha beber um gole d'água. Como de hábito, sempre pensando no outro, quando pensava em si mesmo, passou pela sala e perguntou à esposa diletta com voz grave de quem fumou durante muitos anos: – *Nildes, você quer água?* / – *Não, obrigada*, respondeu-lhe ela. E lá na copa demorou-se algum tempo. De repente, um baque surdo, e o barulho de um copo de vidro que se estilhaçou no chão. Antônio Geraldo estava, imóvel, deitado no chão. No rosto, nenhum ríctus de dor, nem de revolta. Sereno e plácido, como serena e plácida fora toda sua existência ao lado daqueles que tanto amou e por quem viveu toda uma existência. Serenidade e placidez de um espiritualista e cristão, que ele soube transmitir para os entes queridos. Até nesse momento mais amargo de suas vidas, eles também eram a própria serenidade e placidez.

Além dos anos de namoro e noivado, Cunha (assim eu o chamava) viveu mais de quarenta e nove anos de uma vida exemplar ao lado da esposa amantíssima, dona Nildes Silva da Cunha. Agora em setembro o clã dos Cunhas comemoraria as bodas de ouro do casal. Desse consórcio, além do dr. Néelson Geraldo, tiveram também uma filha – Catarina Maria –, que, com o genro Roberto, lhe deu outras duas netas: Priscila e Roberta – ambas, de sobrenomes – da Cunha Moreno Lopez. Quando em julho de 1964, com a numerosa família, estabeleci domicílio nesta capital, sem que soubéssemos, éramos quase vizinhos na rua Maranhão. Morava eu no lado par, na casa número 416; e ele no ímpar, na casa 81. Nos anos 50, ao fim dos quais iniciei o exercício do magistério superior na antiga Faculdade de Filosofia São Luís, tive o ensejo de conhecer-lhe os primeiros trabalhos científicos sobre eslavística. Para mim, à época, afigurou-se Cunha essa espécie rara entre nós, o único eslavista de que eu tinha notícia. Eram trabalhos sobre os empréstimos eslavicos ao português, publicados pela *Revista de Portugal*, de Lisboa; e os vários artigos seus publicados pela *Revista da Academia Fluminense de Letras*, hoje raros. Em São Luís, também a duras penas, obtive de amigos aqui residentes, os dois primeiros títulos do projeto do *Dicionário da Língua Portuguesa – textos e vocabulários*, sob sua cuidadosa coordenação. Sob a chancela do Instituto Nacional do Livro, chegaram a onze os títulos publicados. Em São Luís, também consegui penosamente as judiciosas correções que fez à datação do *Dicionário etimológico da Língua Portuguesa*, do arabista lusitano José Pedro Machado, correções essas anteriores às do mestre galego Ramon Lorenzo. Dois dos outros onze títulos da série do INL, li-os e reli-os quando morava já quase defronte do Cunha, na rua Maranhão: o *Tratado da província do Brasil*, de Gândavo, sob os cuidados do saudoso colega Emanuel Pereira Filho; e as *Coisas notáveis do Brasil*, v. 1, sob os cuidados do próprio coordenador da série, A.G. Cunha, como ele assinava à época seus trabalhos.

Certa vez, como empedernido maranhense, mostrei-lhe curiosidade em ver o texto do *Noticiário Maranhense / Descrição do Estado do Maranhão, / suas contendas e peregrinas circunstâncias*, de 1685, do padre João de Souza Ferreira. O manuscrito pertencera ao bibliófilo francês Dr. J. J. Renoux, que lhe permitiu a microfilmagem. Cunha não só me mostrou o microfilme, mas me deu de presente uma cópia xerox de todo o texto. Graças a esse gesto de despreendimento, pôde minha orientanda de Mestrado em Filologia Românica na UFRJ, professora Carla Penha Bernardo, arrebatá-la nota de excelente na defesa de sua dissertação em 1994. Não direi de quão valioso foi seu silencioso trabalho, à frente da compilação do *Índice do vocabulário de Os Lusíadas*, nem do das *Rimas*, de Luís Vaz de Camões. Muitos ensaístas lusitanos e brasileiros, sem citar a fonte, vêm usando-os para rapidamente opulentar seus trabalhos com os versos do grande poeta português. Não poderei, porém, silenciar três alegrias minhas. A alegria de saber que, finalmente, a Nova Fronteira está disposta a editar, embora com pequenas alterações ao projeto inicial, seu tão esperado *Dicionário de verbos do português contemporâneo*, obra ímpar na espécie em nossa bibliografia. A alegria de saber que a Fundação Casa de Rui Barbosa reagrupou especialistas para editar finalmente as 170.000 fichas do seu tão sonhado *Vocabulário do português medieval*, empresa que nem em Portugal se ousou realizar. E a alegria de saber que a Editora Melhoramentos já mandou para o prelo, sensivelmente aumentada por Cunha, seu singular e prestimoso *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi*. Tão variadas e numerosas são as suas abonações para cada lema, que esse dicionário de autoridades tornou-se sem similar em nossa lexicografia.

É pena que o saudoso Cunha nos haja deixado sem ter tido a alegria de ver editados dois dicionários brasileiros importantes, aos quais, de modo diverso, emprestou sua discreta colaboração. Não verá, o mais tardar até dezembro próximo, a 3.<sup>a</sup> edição, ampliada e revista, do *Dicionário da Língua Portuguesa da Academia Brasileira de Letras*, onde, com Diógenes de Almeida Campos, trabalhou por cinco breves meses sob a coordenação geral do acadêmico Antônio José Chediak, e, após seu falecimento, foi substituído pelo também acadêmico Walmírio Macedo. Não verá também o tão esperado lançamento do *Dicionário Houaiss*, hoje operado por numerosa equipe, sob a direção de Mauro Salles Villar, com os prometidos milhares de verbetes afro-luso-brasileiros da Língua Portuguesa, dos quais vinha diligentemente preparando aparato etimológico e datação. Mas que fazer contra os desígnios divinos?

Enquanto esteve conosco, Cunha realizou todos os seus sonhos. Construiu essa bela família, elaborou suas obras duradouras, praticou a justiça, a sabedoria e a bondade entre todos nós. Por muitos e muitos anos, a cada reedição de seus índices e dicionários; a cada gesto seu, de homem de bem, que for lembrado pela esposa, pelos filhos e netas, pelos amigos e acadêmicos, pelos alunos e admiradores – seu nome será lembrado. Ele foi bom, foi sábio, foi justo, e amou a vida. A glória dos humanos é efêmera e enganosa. A de Deus, eterna

e transcendente. Que Deus o receba em sua glória para sempre. Encerrada a fala de Antônio Martins, o professor Leodegário lembrou o papel do grande lexicógrafo que, sem dúvida, deixa uma lacuna muito séria, principalmente no trabalho de datação dos vocábulos.

Manoel Pinto Ribeiro assim se expressou: “Prezada Sr.<sup>a</sup> Nildes, filhos e amigos do professor Antônio Geraldo da Cunha: Apesar de conhecer A.G. Cunha há apenas cinco anos, tivemos por ele uma grande amizade e um respeito incomum pelo que representa na história da filologia brasileira. Em conversas filológicas, o mestre sempre se prontificou a nos ajudar em qualquer tarefa no campo lexicográfico. Perdemos um amigo e um pesquisador incansável, que respondia com extrema facilidade a muitas questões que os livros não registram. Nosso respeito e gratidão pela constante ajuda que nos propiciou”.